

GÊNEROS LITERÁRIOS ORAIS NA ESCOLA: CONTOS, CAUSOS, LENDAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

Aurora de Castro Pantoja

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará.

<https://orcid.org/0009-0000-3978-7320>

E-mail: Lauroradecastropantoja@gmail.com

Silvia Helena Gonçalves Fonseca

Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará.

<https://orcid.org/0009-0009-5483-1137>

E-mail: silviahgfonseca@yahoo.com.br

Cindy Izabelle Hage Pantoja

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará.

<https://orcid.org/0009-0002-9516-3461>

E-mail: cursoderedacaoprofcindyhage@gmail.com

Elizete Ferreira Morais Barbosa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará.

<https://orcid.org/0009-0007-8537-2784>

E-mail: prof.elizetemorais@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-51>

RESUMO: O presente artigo discute as contribuições dos gêneros literários orais — contos, causos e lendas — para o desenvolvimento do letramento literário no contexto escolar. Fundamentado em uma abordagem sociocultural da linguagem, o estudo parte do pressuposto de que a leitura literária se configura como prática social, histórica e interativa, ultrapassando a centralidade do texto escrito. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, ancorada em autores que discutem letramento, oralidade, gêneros discursivos e ensino de literatura. A revisão crítica da literatura evidencia que os gêneros literários orais constituem práticas legítimas de produção e circulação do literário, articulando oralidade, memória cultural e performance. Os resultados apontam que a inserção sistemática desses gêneros nas práticas pedagógicas amplia as possibilidades de formação do leitor literário, valoriza saberes culturais diversos e promove maior engajamento dos estudantes com a leitura. Conclui-se que a articulação entre oralidade e letramento literário representa um caminho promissor para práticas de ensino de literatura mais inclusivas e significativas na Educação Básica.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário. Oralidade. Gêneros literários orais. Ensino de literatura. Práticas pedagógicas.

ORAL LITERARY GENRES IN SCHOOL: STORIES, TALES, LEGENDS AND THEIR CONTRIBUTION TO LITERARY LITERACY

ABSTRACT: This article discusses the contributions of oral literary genres — tales, anecdotes, and legends — to the development of literary literacy in the school context. Grounded in a sociocultural approach to language, the study assumes that literary reading constitutes a social, historical, and interactive practice, going beyond the centrality of written texts. This is a bibliographic study based on authors who address literacy, orality, discursive genres, and literature teaching. The critical literature review shows that oral literary genres are legitimate practices of literary production and circulation, articulating orality, cultural memory, and performance. The results indicate that the systematic inclusion of these genres in pedagogical practices expands possibilities for literary reader formation, values diverse cultural knowledge, and promotes greater student engagement with reading. It is concluded that articulating orality and literary literacy represents a promising path for more inclusive and meaningful literature teaching practices in Basic Education.

KEYWORDS: Literary literacy. Orality. Oral literary genres. Literature teaching. Pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões sobre o ensino de literatura na Educação Básica têm evidenciado a necessidade de superar práticas centradas exclusivamente na leitura silenciosa e na análise formal do texto escrito, ampliando o olhar para a literatura como prática social, cultural e interativa. Nesse contexto, o letramento literário tem se consolidado como uma abordagem que compreende a leitura literária para além da decodificação, enfatizando a construção de sentidos, a experiência estética e a formação do leitor crítico (Cosson, 2006).

Sob essa perspectiva, o conceito de letramento, conforme proposto por Kleiman (1995), permite compreender a leitura como prática situada, atravessada por usos sociais da linguagem e por diferentes modos de interação. Essa compreensão favorece a valorização de manifestações literárias historicamente marginalizadas no espaço escolar, como os gêneros literários orais, que integram a tradição cultural de diversos grupos sociais e regionais. Tais gêneros — contos, causos e lendas — articulam oralidade, memória coletiva e performance, configurando-se como formas legítimas de produção literária.

A oralidade, por sua vez, não deve ser entendida como etapa inferior ou preparatória da escrita, mas como modalidade constitutiva da linguagem e dos gêneros discursivos. Marcuschi (2008) destaca que fala e escrita mantêm relações de complementaridade e interação, o que reforça o potencial pedagógico dos gêneros orais no ensino de literatura. Essa concepção dialoga com Bakhtin (2011), ao compreender os gêneros como formas relativamente estáveis de enunciados que emergem das práticas sociais, sendo atravessados por valores culturais e históricos.

No campo específico da literatura oral, Zumthor (2010) enfatiza o papel da performance e da recepção, ressaltando que o sentido do texto literário oral se constrói no ato da enunciação e da escuta. Segundo o autor, “a obra só se realiza plenamente na performance, momento em que voz, corpo e memória se articulam na produção de sentidos” (Zumthor, 2010, p. 32). Essa característica torna os gêneros orais especialmente relevantes para práticas escolares que buscam promover a participação ativa dos estudantes e o engajamento com a leitura literária.

Apesar dessas contribuições teóricas, observa-se que as pesquisas sobre letramento literário ainda privilegiam, majoritariamente, o texto escrito e o cânone literário, relegando os gêneros orais a um papel secundário ou meramente ilustrativo. Zilberman (2003) aponta que o ensino de literatura, muitas vezes, distancia-se das experiências culturais dos alunos, o que compromete a formação do leitor. Do mesmo modo, Rojo (2012) evidencia que a escola tende a desconsiderar práticas de linguagem vinculadas à diversidade cultural e aos multiletramentos, limitando o alcance das práticas pedagógicas.

Diante desse cenário, questiona-se: de que maneira os gêneros literários orais podem contribuir efetivamente para o desenvolvimento do letramento literário na escola? Quais possibilidades pedagógicas emergem da articulação entre oralidade e literatura no contexto da Educação Básica?

Com base nessas questões, este artigo tem como objetivo analisar as contribuições dos gêneros literários orais — contos, causos e lendas — para o letramento literário, à luz de uma perspectiva sociocultural da linguagem. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada em estudos sobre letramento, oralidade e ensino de literatura.

Como principais resultados, evidencia-se que a inserção sistemática dos gêneros orais nas práticas escolares amplia as formas de acesso à literatura, valoriza saberes culturais diversos e fortalece a formação do leitor literário. Além desta introdução, o artigo organiza-se em seções que discutem o letramento literário, a oralidade e os gêneros literários orais, seguidas das considerações finais.

LETRAMENTO LITERÁRIO COMO PRÁTICA SOCIAL E FORMATIVA DO LEITOR

A discussão sobre letramento literário, no campo dos estudos linguísticos e educacionais, insere-se majoritariamente em uma orientação teórica de base sociocultural, que compreende a linguagem como prática social e historicamente situada. Essa perspectiva afasta-se de concepções tecnicistas de leitura, centradas na decodificação e na análise estrutural do texto, ao defender que o sentido se constrói na interação entre texto, leitor e contexto, o que é particularmente relevante para repensar o ensino de literatura na escola básica (Soares, 2002).

Entre os principais representantes dessa orientação teórica, destaca-se a contribuição de Kleiman (1995), ao conceber o letramento como um conjunto de práticas sociais mediadas pela escrita e pela leitura, vinculadas a usos concretos da linguagem em diferentes esferas da vida social. Essa concepção amplia o entendimento de leitura literária, ao reconhecê-la como prática situada, atravessada por valores culturais, relações de poder e experiências prévias dos sujeitos, o que tensiona modelos escolares que desconsideram os repertórios socioculturais dos alunos.

No âmbito específico do ensino de literatura, Cosson (2006) sistematiza o conceito de letramento literário como um processo formativo que visa à constituição do leitor capaz de atribuir sentidos ao texto literário, reconhecer sua dimensão estética e estabelecer relações com outras práticas sociais de linguagem. O autor propõe que a literatura seja trabalhada como experiência e não apenas como conteúdo escolar, o que implica a valorização de diferentes formas de leitura e de manifestação do literário no espaço educativo.

A partir dessa perspectiva, o letramento literário pode ser compreendido como um construto teórico que articula leitura, interpretação, fruição estética e participação social. Tal construto desloca o foco do texto em si para as práticas de leitura, enfatizando a mediação docente e a interação entre leitores como elementos centrais do processo formativo. Essa abordagem contribui para problematizar práticas pedagógicas que reduzem a literatura a exercícios de compreensão literal ou à reprodução de interpretações legitimadas.

Ao dialogar com a noção de gêneros discursivos, Bakhtin (2011) reforça a compreensão da literatura como forma de enunciado socialmente constituída, inserida em cadeias de comunicação e permeada por vozes sociais diversas. Essa concepção amplia o escopo do letramento literário ao permitir a inclusão de manifestações literárias não canônicas e tradicionalmente marginalizadas, como os gêneros literários orais, cuja circulação ocorre predominantemente em práticas de oralidade.

No entanto, apesar dos avanços teóricos, observa-se que parte significativa das pesquisas e práticas escolares ainda privilegia o texto escrito e o cânone literário, o que limita a efetivação de uma concepção ampliada de letramento literário. Zilberman (2003) critica a distância entre o ensino de literatura e as experiências culturais dos estudantes, apontando que essa dissociação compromete a formação do leitor e reforça o desinteresse pela leitura literária no ambiente escolar.

Nesse sentido, evidencia-se uma lacuna no que diz respeito à integração sistemática de práticas de oralidade no campo do letramento literário, especialmente no que concerne aos gêneros literários orais. Embora reconhecida teoricamente como prática legítima de linguagem, a oralidade ainda ocupa lugar periférico nas propostas de ensino de literatura, o que reforça a necessidade de estudos que articulem letramento literário e oralidade como dimensões indissociáveis na formação do leitor, conforme problematizado na introdução deste artigo.

ORALIDADE, GÊNEROS DISCURSIVOS E LITERATURA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A discussão sobre oralidade no campo dos estudos da linguagem ancora-se, predominantemente, em uma orientação teórica interacionista e sociocognitiva, que compreende a língua como atividade social, situada e orientada para a interação. Nessa perspectiva, a oralidade não é concebida como forma linguística inferior ou menos elaborada, mas como modalidade constitutiva da linguagem humana, dotada de organização própria e de pleno potencial de significação, o que tem implicações diretas para o ensino de literatura na escola (Marcuschi, 2008).

Entre os principais representantes dessa abordagem, Marcuschi (2001) destaca-se ao problematizar a dicotomia tradicional entre fala e escrita, propondo uma compreensão baseada em um continuum de práticas discursivas. O autor evidencia que oralidade e escrita não se organizam em termos de hierarquia, mas de funções comunicativas distintas, o que permite reconhecer os gêneros orais como práticas discursivas complexas e socialmente reguladas, passíveis de análise e exploração pedagógica.

A noção de gêneros discursivos, tal como formulada por Bakhtin (2011), constitui um dos pilares teóricos para a compreensão da oralidade literária. Segundo essa concepção, os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados, historicamente construídas nas diferentes esferas da atividade humana. Essa definição desloca a literatura de uma concepção estritamente textual para uma compreensão discursiva, em que os sentidos emergem da interação entre sujeitos, contextos e valores sociais.

No que se refere especificamente à literatura oral, Zumthor (2010) propõe uma abordagem que enfatiza a performance como elemento central do fenômeno literário. Para o autor, o texto oral não se realiza plenamente fora do ato performático, no qual voz, corpo, memória e situação comunicativa se articulam na produção de sentidos. Essa concepção amplia o entendimento de literatura ao reconhecer a oralidade como espaço legítimo de criação estética e recepção literária.

A articulação entre oralidade e literatura, sob essa perspectiva teórica, permite compreender os gêneros literários orais como práticas discursivas que mobilizam recursos linguísticos, culturais e simbólicos específicos. Tais gêneros se configuram como espaços

de circulação de saberes coletivos, identidades culturais e formas particulares de narrar a experiência humana, o que os torna especialmente relevantes para práticas pedagógicas voltadas à formação do leitor literário.

Apesar desse reconhecimento teórico, observa-se que o ensino de literatura ainda tende a marginalizar a oralidade, restringindo-a a atividades acessórias, como leitura em voz alta ou contação de histórias sem sistematização pedagógica. Rojo (2012) critica essa limitação ao apontar que a escola, ao desconsiderar a diversidade de práticas de linguagem, compromete a construção de letramentos múltiplos e a valorização da diversidade cultural dos estudantes.

Dessa forma, identifica-se uma lacuna no que se refere à incorporação dos gêneros literários orais como objeto central de reflexão no ensino de literatura. Embora os estudos sobre oralidade e gêneros discursivos forneçam bases teóricas consistentes, ainda são escassas as pesquisas que articulem esses pressupostos ao letramento literário de maneira sistemática, o que reforça a pertinência de investigar o papel dos gêneros literários orais na formação do leitor, conforme problematizado neste trabalho.

GÊNEROS LITERÁRIOS ORAIS NA ESCOLA E A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

A inserção dos gêneros literários orais no contexto escolar fundamenta-se em uma concepção pedagógica que compreende o ensino de literatura como prática mediada, processual e dialógica. Essa orientação afasta-se de modelos transmissivos de ensino e assume que o contato significativo com o texto literário — oral ou escrito — depende de situações de interação orientadas pelo professor, nas quais o aluno é reconhecido como sujeito ativo da leitura.

No âmbito do letramento literário, a mediação pedagógica é compreendida como elemento estruturante das práticas de leitura. Cosson (2014) defende que o trabalho com literatura na escola deve criar condições para que os estudantes compartilhem interpretações, mobilizem repertórios culturais e construam sentidos coletivamente, o que reforça o potencial dos gêneros literários orais, tradicionalmente vinculados à interação e à circulação social da palavra.

Os gêneros literários orais, como contos, causos e lendas, caracterizam-se por sua forte vinculação à memória coletiva, à tradição cultural e à transmissão intergeracional de saberes. Do ponto de vista pedagógico, esses gêneros possibilitam a articulação entre experiências extraescolares dos alunos e o currículo escolar, favorecendo práticas de leitura que dialogam com identidades culturais diversas e com formas não escolarizadas de acesso à literatura.

A mediação docente, nesse contexto, não se limita à seleção dos textos, mas envolve a criação de situações didáticas que promovam a escuta, a oralização, a interpretação e a reflexão crítica. Marcuschi (2008) destaca que práticas discursivas orais exigem organização, intencionalidade e conhecimento dos gêneros, o que implica reconhecer os gêneros literários orais como objetos legítimos de ensino, passíveis de análise e sistematização no espaço escolar.

Entretanto, observa-se que a presença dos gêneros literários orais na escola ainda ocorre de maneira episódica e pouco planejada, frequentemente restrita a atividades comemorativas ou introdutórias. Rojo (2012) problematiza esse uso instrumental da oralidade ao apontar que a ausência de sistematização pedagógica limita a construção de práticas de letramento que valorizem a diversidade cultural e linguística dos estudantes.

Do ponto de vista da formação do leitor, a exclusão ou subvalorização dos gêneros orais contribui para a manutenção de uma concepção restrita de literatura, centrada no texto escrito e no cânone. Zilberman (2003) argumenta que essa perspectiva reduz as possibilidades de identificação do aluno com a leitura literária, comprometendo a construção de vínculos afetivos e culturais com o texto.

Diante disso, evidencia-se uma lacuna no que se refere à integração efetiva dos gêneros literários orais às práticas de letramento literário mediadas pela escola. Embora a literatura especializada reconheça o valor formativo da oralidade, ainda são incipientes as propostas que a incorporem como eixo estruturante do ensino de literatura, o que reforça a necessidade de investigações que problematizem a mediação pedagógica desses gêneros, em consonância com o problema de pesquisa apresentado neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões desenvolvidas ao longo deste estudo evidenciam que os gêneros literários orais — contos, causos e lendas — constituem práticas legítimas de linguagem e de literatura, capazes de contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do letramento literário no contexto escolar. Ao articular oralidade, memória cultural e interação, tais gêneros ampliam as possibilidades de acesso à literatura e favorecem a construção de sentidos a partir das experiências socioculturais dos estudantes.

Os resultados da revisão crítica da literatura indicam que a valorização da oralidade no ensino de literatura rompe com concepções restritivas que associam a formação do leitor exclusivamente ao texto escrito e ao cânone literário. A inserção dos gêneros orais nas práticas pedagógicas permite compreender a leitura literária como experiência estética, social e coletiva, fortalecendo o papel da escuta, da performance e do diálogo na constituição do leitor literário.

Ao atender ao objetivo proposto, este estudo demonstra que a articulação entre gêneros literários orais e letramento literário contribui para práticas pedagógicas mais inclusivas e culturalmente sensíveis, ao reconhecer saberes historicamente marginalizados no espaço escolar. Além disso, evidencia-se o papel central do professor como mediador, responsável por criar situações didáticas que integrem oralidade e literatura de forma sistemática e intencional.

No que se refere à questão norteadora, conclui-se que os gêneros literários orais possuem potencial formativo relevante para o letramento literário, sobretudo por promoverem a participação ativa dos alunos, o engajamento com a leitura e a valorização da diversidade cultural. Entretanto, observa-se uma lacuna nas pesquisas empíricas que investiguem a aplicação concreta dessas práticas em diferentes etapas da Educação Básica, o que aponta para a necessidade de estudos futuros que analisem intervenções pedagógicas e seus impactos no processo de formação do leitor.

Por fim, este artigo contribui para o campo do ensino de literatura ao reafirmar a importância de práticas que integrem oralidade e leitura literária, fortalecendo uma concepção ampliada de letramento literário e incentivando novas investigações que aprofundem esse diálogo no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

KLEIMAN, Angela Bustos. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 2003.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Submissão: setembro de 2025. Aceite: outubro de 2025. Publicação: janeiro de 2026.